

NINGUÉM SABE TUDO, NINGUÉM SABE NADA

DIALOGANDO COM BALDUINO ANDREOLLA E OSMAR FÁVERO

Liana Borges, Maria Teresinha Kaefer e Rosalva Mazuim,
Curadoria Nacional¹

Resumo:

Esta entrevista-diálogo contou com a presença de dois protagonistas da Educação Popular. Um, gaúcho - Balduino Andreola (88 anos); o outro, paulista - Osmar Fávero (89 anos). Histórias de vida entrecortadas pelos fatos históricos que explicam as origens dos movimentos de Cultura Popular e, a seguir, da Educação Popular. Muitas memórias para pouco tempo de conversações, é verdade! Entretanto, decidimos correr o risco de trazer “pinceladas” deste percurso, cuja ênfase está situada entre final dos anos 1950 até, mais ou menos, os anos 1970, porque a pergunta que disparou a troca de ideias foi: **Qual a primeira lembrança que vem na memória de vocês com relação a Paulo Freire e a Educação Popular?**

Palavras-chave: Balduino Andreola. Osmar Fávero. Educação Popular.

Ninguém sabe tudo, ninguém sabe nada é uma das sete seções da Revista do Café com Paulo Freire, e consiste em uma *entrevista-diálogo* com pessoas de referência em/na Educação Popular, sendo que o critério de escolha abarca a riqueza das histórias de vida, das informações e relatos, bem como dos fundamentos epistemológicos que são vitais para que possamos seguir compreendendo e recriando o legado de Paulo Freire.

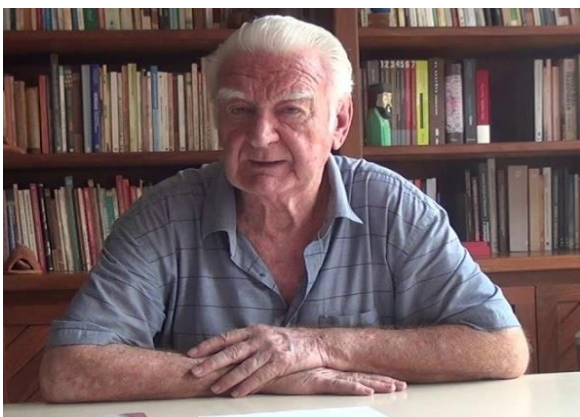
Nesta edição, o Conselho Político e Pedagógico da Revista, que é formado pela representação de todos os Núcleos de Café Local (hoje, somam 30), definiu pelos nomes de Balduino Andreola (RS) e Osmar Fávero (SP), não somente porque reconhecemos a relevância e a singularidade destas duas trajetórias, mas porque desejamos agradecer, de viva voz, o que nos ensinaram e seguem ensinando.

¹**Liana Borges**, Professora aposentada, mestre e doutora em educação, Criadora e curadora da Rede Nacional Café com Paulo Freire. Contato: lianaborges@cafecompaulofreire.com.br. **Maria Teresinha Kaefer**, Professora aposentada, especialista e mestre em educação, Curadora do Café com Paulo Freire de São Borja, integrante da curadoria da Rede Nacional Café com Paulo Freire. Contato: mtksbg@gmail.com. **Rosalva Mazuim**, Professora aposentada, pedagoga com habilitação em Orientação Educacional especialista em educação. Curadora do Café com Paulo Freire De Cachoeira do Sul integrante da curadoria da Rede Nacional Café com Paulo Freire. Contato: biasoaresmazuim@gmail.com



Balduino Andreola², gaúcho, teólogo e filósofo, tem 88 anos, nasceu em Fazenda Souza, que pertencia ao 7º distrito de São Francisco de Paula, hoje 7º distrito de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Mestre em Educação pela UFRGS e também em Psicopedagogia pela Université Catholique de Louvain, é doutor em Ciências da Educação pela mesma Universidade (Bélgica) e pós-doutor em Educação pela UFRGS. Entre os anos de 1988/1992 foi Diretor da Faculdade de Educação (FACED). Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2019.

Autor de muitos livros, destacamos a escrita da Carta-Prefácio em *Pedagogia da Indignação* (FREIRE, 2000). *Baldô*, como é chamado amorosamente pelos amigos e estudantes, combina com seu sorriso largo, com a capacidade intensa em dialogar, tem posições firmes e coerentes com seus princípios freireanos. E é, ainda, um *pé de valsa* irretocável!



Osmar Fávero³, 89 anos, paulista, bacharel em Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1970), mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1973) e doutor em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1984). Professor Titular da Universidade Federal Fluminense desde 1994, a partir da aposentadoria compulsória, seguiu colaborando no Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma Universidade até 2018, tendo sido nomeado Professor Emérito em 2015.

Professor Osmar, como a ele, carinhosamente, todos se referem, ao longo da vida vem colecionando amizades dada a relação que estabelece entre o objeto de suas orientações e pesquisas com aqueles que o procuram. Mesmo ciente de que tem

² Imagem disponível em: [image \(1800x1192\) \(ufrgs.br\)](#)

³ Imagem disponível em: [Resultado da Pesquisa de imagens do Google](#)

muito a nos dizer, pelo que até aqui construiu, reserva sempre um momento para a escuta. É referência nos estudos das políticas públicas, da Educação Popular e da Educação de Jovens e Adultos⁴.

No dia 06/08/2021, em uma sala virtual, no meio da manhã, entre Porto Alegre e Rio de Janeiro, com a presença de algumas Curadoras compõem a rede Nacional do Café com Paulo Freire e de convidados(as) de outras regiões do país, travamos um diálogo impregnado de memórias, emoções que, em turbilhão, vieram à tona.

Tínhamos um roteiro previamente planejado, compartilhado na véspera com ambos, mas que não foi seguido à risca porque os relatos mais abrangentes, as minúcias do dia a dia de militantes-ativistas abriram novos questionamentos e reflexões.

Sem esgotar os temas tratados, deliberamos por inserir em notas de rodapé algumas dicas de leituras complementares. Além disso, ficou entre nós um desafio a ser resolvido, considerando-se que a organização de um texto cuja fonte é uma gravação não traz as risadas, as entonações de vozes de homens de 88 e 89 anos, as falhas de memória (que nós, aos 50/60, já apresentamos, não é mesmo?), nem como um ajudava o outro. Quem sabe faremos uma edição de cada entrevista-diálogo? O que acham da ideia?

Vamos lá! Iniciamos o diálogo com uma questão abrangente, mas inevitável, já que se trata de dois educadores populares carregados de histórias de vida-militante, de pesquisas e de suportes teóricos às nossas práxis. Como uma boa conversa entre freireanos e freireanas, os afetos, risos e conversas de bastidores impregnaram todo o tempo em que ficamos *online*. Imaginem se fosse presencial!

1. Qual a primeira lembrança que vem na memória de vocês com relação a Paulo Freire e a Educação Popular? Quem responderia primeiro pairou no ar, mas Balduino falou:

⁴Suas publicações principais sobre a temática são: *Cultura popular e Educação popular*; memória dos anos 60 (Graal, 1983); *Uma pedagogia da participação popular*; análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (Autores Associados, 2006); e o excelente *thesaurus*, Educação Popular I e II, Educação de Jovens e Adultos (De Petrus et *Alie*, Faperj, 2015), que reúne praticamente toda a produção da educação popular e sobre a educação popular desde meados dos anos de 1940 até os dias atuais.

-**Balduino**: Fávero que é mais velho. Eu tenho 88; ele, 89! Ele contestou o critério, mas seguiu com sua reflexão.

- **Fávero**: Ontem eu comentei com a Liana sobre uma fala muito bonita de Antônio Cândido. Ele já estava com 90 anos, e disse que, quando era convidado para participar de algum evento pediam-lhe um depoimento e não uma palestra. Eu acho que é isso que a gente vai fazer. Estou querendo falar sobre quando e como eu conheci Paulo Freire e, sobretudo, qual foi a sua influência em nossa geração, porque eu e Balduino já estávamos na luta no período em que Paulo apareceu, basicamente no final dos anos 1950 e começo dos anos 1960. Vale lembrar como Paulo Freire apareceu no cenário nacional e como a gente começou a trocar ideias com ele.

- **Balduino**: Fala Osmar, porque tu estiveste muito antes do que eu, lá na década de 1960, pois eu estava numa congregação religiosa *bem comportadinha* e até participando de uma procissão em Caxias que agradecia a Deus que nos livrou do comunismo (risos).

- **Fávero**: Isso a gente não pode botar no *Lattes*!

-**Balduino**: De qualquer forma, tu começaste antes, no MEB - Movimento de Educação de Base⁵.

- **Fávero**: Eu vim para o Rio de Janeiro no final dos anos de 1950, de São Paulo, para fazer parte da Equipe Nacional da JUC – Juventude Universitária Católica.⁶Neste período vivíamos muito fortemente a ideologia do desenvolvimentismo, no governo de Juscelino (Juscelino Kubitschek - 1956/1961) e a proposta de reconstrução do Brasil: *cinquenta anos em cinco*⁷.

A gente respirava um clima de abertura democrática em todas as áreas, independentemente de não enxergarmos a força do Capital estrangeiro, mas aquela ideia de reconstruir o Brasil a partir de Brasília, a partir do reforço da indústria brasileira, nos contaminou.

Certa vez, conversando com Vanilda Paiva, ela nos chamou de *desenvolvimentistas*. Respondi que se não fôssemos, seríamos *peixes fora d'água*, pois era uma ideologia muito forte. Para mim, não sei se também para você, Balduino,

⁵FÁVERO, O. MEB - Movimento de educação de base. Primeiros tempos: 1961 – 1966. In: Paulo Rosas (Organizador), Paulo Freire: educação e transformação social. Recife: Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas; Ed. Universidade da UFPE, 2002; MEB – MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (forumeja.org.br), disponível em: www.forumeja.org.br/files/meb_historico.pdf .

⁶www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/juventude; https://www4.pucsp.br/.../juventude_universitaria.html

⁷"50 anos em 5" - Governo JK (cinquentaemcinco.blogspot.com)

foi muito marcante esse período de 1958 a 1960, em especial em relação ao debate sobre a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961).

- **Balduino:** O que eu lembro mais especificamente do debate em torno desta LDB foi por conflitos muito acirrados entre os interesses da Educação Pública e a Particular, incluída a Confessional, como também um combate ao Anísio Teixeira por parte de setores mais conservadores da Igreja Católica.

O saudoso Padre (Professor e Dr.) Elli Benincá me presenteou com uma dissertação de Mestrado sobre este assunto polêmico, cujos dados eu registro em nota de rodapé⁸.

- **Osmar:** O clima de desenvolvimentismo gerava uma fermentação que passava pela cultura em todas as áreas, em especial do teatro, mas também do cinema, da música e da poesia. Nos primeiros anos da década de 1960, nasceu a ideia de Cultura Popular. Na Igreja, vivíamos fortemente o clima do Concílio Vaticano II, que abriu as portas não só para uma nova reflexão da missão da Igreja no mundo, mas validou também as práticas em que estávamos envolvidos.

Marco histórico muito importante deste período é a criação do MCP -Movimento de Cultura Popular, sob a liderança de Germano Coelho⁹, cujas ideias iniciais vinham da cultura popular da França. Nós do MEB também estávamos sofrendo as influências desta ideologia. O diálogo estava muito presente.

Paulo Freire apareceu no começo dos anos de 1960, no MCP. Sei que o Leo (Leôncio Soares, professor da UFMG, que estava participando do diálogo) vai me lembrar que Paulo Freire está presente desde 1957, no II Congresso de Educação de Adultos¹⁰. Isso a gente soube depois quando Vanilda Paiva¹¹, em 1972, descobriu a fala de Paulo Freire como relator de um dos grupos de trabalho daquele Congresso,

⁸ SIQUEIRA ESQUINSANI, Rosimar Serena. O Público e o Privado em Educação: O Caso Anísio Teixeira e a Igreja Católica no Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. PPG/EDU, Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo. Orientadora: Profa. Dra. Solange Maria Longhi; Coorientador: Prof. Dr. Elli Benincá. Passo Fundo, 2000.

⁹1)COELHO, Germano MCP – História do Movimento de Cultura Popular (1960-1964). Recife: Ed. do Autor, 2012; 2) ROSAS, Paulo. O Movimento de Cultura Popular – MCP. 1980.

¹⁰Relatório do 2º Congresso de Educação de Adultos (forumeja.org.br)

¹¹ Vanilda Pereira Paiva, Celso Beisiegel, Sérgio Haddad e Leôncio Soares.

apresentando uma nova concepção de alfabetização, por isso começamos a datar o período “anos 1958-1964”.

Eu conheci Paulo Freire em uma reunião no Ministério da Educação, na gestão de Paulo de Tarso¹², um ministro bastante aberto. Ele chamava várias pessoas que estavam trabalhando com Cultura Popular (ainda não era Educação Popular), pagava a passagem e uma diária, a gente chegava no MEC e, no final do expediente, ele reunia mais ou menos 30 pessoas, numa sala para conversar. As atividades de Cultura Popular eram coordenadas no MEC por Ferreira Gullar e Luiz Alberto Gomez de Souza.

Esta foi a primeira vez que eu vi Paulo Freire. Estava com as fichas de cultura na mão, desenhadas em guache por Francisco Brennand¹³, dizendo para o grupo: *“Olha, vejam o que eu ganhei. As imagens da experiência de Angicos, mas um amigo meu lá do Recife me disse para eu não levar aquelas coisas feias para o ministro. Deixa que eu faço umas coisas mais bonitas, disse ele”*.

Foi a primeira vez que eu escutei Paulo Freire muito contente, mostrando os desenhos das fichas de cultura. Balduino, você se lembra dessas famosas fichas, confiscadas pelo Exército? Você descobriu que elas estavam em algum museu no interior da França e ficou de confirmar isto para nós.

- **Balduino:** Não é na França, mas na Inglaterra. Eu tenho uma revista da UNESCO, com um artigo sobre Alfabetização, no qual aparecem quatro das imagens do Brennand. Foram retiradas como subversivas, mas passadas nos cobres. Naquela revista da UNESCO consta o nome do museu de Londres onde se encontram. Estou revisando meus alfarrábios. Quando eu encontrar, te mando a informação, Osmar. Quem sabe, uma ação junto à UNESCO, por parte de um futuro Governo mais simpático com a obra de Freire, e a gente consegue de volta?

- **Osmar:** Anos mais tarde, em uma entrevista com Brennand, ele me disse que não teve contato pessoal com Paulo Freire. Um amigo comum lhe pediu para fazer os desenhos: ninguém menos que Ariano Suassuna. Na minha memória, isso foi no final de 1963, talvez no começo de 1964.

¹²Foi Ministro da Educação e Cultura no governo de João Goulart, cargo que assumiu em 18 de junho de 1963, e renunciou em 21 de outubro de 1963. Após o golpe militar de 31 de março de 1964, teve seu mandato cassado e seguiu para o exílio no Chile.

¹³Francisco de Paula Coimbra de Almeida Brennand (Recife, 11 de junho de 1927 — Recife, 19 de dezembro de 2019)

Imagens: Fichas de Cultura de Francisco Brennand



Fonte: Francisco Brennand, Recife, PE, 1927. Paulo Freire, 1963.

Nanquim e guache, 24 x 33 cm. Fotos de: Celso Pereira Jr.

Havíamos passado a conhecer Paulo Freire no final de 1963, através daqueles primeiros artigos na revista da Universidade do Recife, na qual ele propunha o chamado Método de Alfabetização de Adultos. Como Paulo Freire nos influencia? Estávamos vindo da JUC e trabalhávamos no MEB, o conceito de consciência histórica, influenciados pelo Pe. Henrique Vaz¹⁴. Paulo Freire abordou em seu primeiro texto a categoria “Cultura”, como motivação da alfabetização em Angicos. Começamos a usar o mesmo conceito: nós, *conscientização*; Paulo Freire, *consciencialização*, até que se unificou esta linguagem.

- **Balduino:** Eu acho, Osmar, que esta diferença mereceria estudos mais aprofundados. Também o Ernani Fiori, em suas palestras no Uruguai, em 1967, estando já no exílio, usa o termo consciencialização. No segundo volume de suas obras, fala em conscientização. Eu organizei um quadro onde elenco mais de dez aproximações do conceito conscientização (ao final da entrevista acrescentamos o quadro citado por Balduino), sob vários ângulos: histórico, pedagógico, epistemológico, praxiológico, etc. O desafio de aprofundar este estudo fica pra novas gerações, Osmar, com o pessoal dos *Cafés com Paulo Freire*.

- **Osmar:** Não há como saber se Paulo Freire foi influenciado pelos textos do Pe. Lima Vaz. Todos nós estávamos querendo trabalhar de um modo diferente com alfabetização, e Paulo Freire vem e nos apresenta o método audiovisual, a partir do

¹⁴Pe. Henrique de Lima Vaz S. J. filósofo e teólogo, renomado especialista em Hegel. No começo dos anos de 1960 influenciou decisivamente a criação da Ação Popular por um grupo da JUC. Nos últimos anos foi professor de Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais. Faleceu em 2002. Sua obra completa está publicada pela Editora Loyola.

conceito antropológico de cultura, o que chamo *Ovo de Colombo*. Todos nós começamos, de uma maneira ou de outra, a trabalhar com este referencial.

- **Balduino**: As colocações do Osmar são extraordinárias porque ele viveu e participou todo esse tempo. Eu conheci Paulo Freire em 1984 quando voltei da Bélgica, onde fazia meu doutorado. Voltei para o Brasil em 1981 por causa da morte trágica do meu cunhado, 37 anos, único irmão de minha esposa, deixando a esposa com um menino de seis anos e uma menina de três. Então tive que terminar minha tese aqui, e depois voltar para defendê-la na Bélgica. Naquele ano (1984), Paulo Freire foi convidado para ir a Caxias do Sul, e como sou de lá, minha cunhada Jussara e meu irmão Luiz me telefonaram para me avisar. E eu me mandei para ouvir as três palestras de Paulo Freire – uma de manhã, outra de tarde e mais uma no dia seguinte, na Universidade. Depois da primeira palestra eu falei rapidamente com ele para dizer-lhe que estava escrevendo minha tese sobre *Emmanuel Mounier e Paulo Freire, por uma Pedagogia da libertação*¹⁵. Ele me convidou para ir, no início da noite, ao hotel. Eu fui lá e falamos por cerca de uma meia hora, porque depois ele tinha um compromisso na Prefeitura. Mostrei meu projeto de uma aproximação crítica entre ele, Freire e Mounier, nas convergências na luta por uma transformação. Gostou da minha bibliografia e me animou. Foi a nossa primeira conversa. Foi lá também que acenei brevemente à minha leitura que fiz da tese de doutorado da Vanilda Paiva¹⁶. Eu disse a ele que o Garcia Huidobro me mandara dizer que lesse a tese da Vanilda Paiva.

Consegui emprestada de uma colega recém-chegada de São Paulo. Eu disse ao Paulo que li com atenção e não gostei. Paulo me disse que a Vanilda, quando fazia doutorado na Alemanha, foi várias vezes à casa dele, em Genebra, e que ele pôs à disposição todo o material que lhe interessasse.

Quanto ao ISEB–Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Instituição cultural criada pelo Decreto nº 37.608, de 14 de julho de 1955, como órgão do Ministério da Educação e Cultura), também, considero um equívoco histórico e teórico reduzi-lo a uma linha desenvolvimentista, sem considerar que Instituto contou com pesquisadores de grande valor, em diferentes áreas do conhecimento, inclusive

¹⁵ANDREOLA, Balduino A. Emmanuel Mounier et Paulo Freire. Une Pédagogie de la Personne et de la Communauté. Thèsedoctoral em Sciences de l'Education. Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Education. Université Catholique de Louvain. Belgique, 1985.

¹⁶Minha crítica a expus em minha tese de doutorado, em 1985: p. 30, e p. 375-376: Nota 42.

autores marxistas. Talvez um dos mais importantes, Álvaro Vieira Pinto, no qual Freire buscou inspiração para vários conceitos-chave de sua elaboração teórica.

Com relação à influência de Paulo Freire aqui no Rio Grande do Sul, já antes do golpe de 1964, tenho uma pesquisa com 338 páginas e ali consta uma porção de entrevistas com várias pessoas ligadas ao Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul¹⁷, com alguns outros estudiosos, inclusive uma com Osmar Fávero, quando esteve aqui em Porto Alegre.

O objetivo daquela pesquisa foi o de resgatar o que foi o Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul, cujo idealizador foi o grande filósofo, educador e parceiro de Paulo Freire, Ernani Maria Fiori, que depois foi seu companheiro no exílio e seu maior inspirador enquanto ele escrevia a *Pedagogia do Oprimido*.

Além daquela pesquisa, tenho também cópia de uns trinta recortes de jornais da época que noticiavam vindas de Paulo Freire, e as atividades de alfabetização de acordo com o famoso “Programa Nacional de Alfabetização”, coordenado por Paulo Freire no MEC, durante o governo Jango. No Rio Grande do Sul já estavam em andamento mais de seiscentos Círculos de Cultura, realizando a alfabetização de adultos. Foi a grande educadora, infelizmente falecida cedo, Ana Maria Zardin que conseguiu guardar aqueles jornais.

Não foi por nada que Paulo Freire convidou Ernani Maria Fiori para escrever aquele famoso Prefácio ao livro “Pedagogia do Oprimido”. Paulo Freire o apreciava tanto que algumas vezes disse ter pensado em colocar o prefácio como livro, e o livro como prefácio.

Às vezes eu perguntava às pessoas, em aulas ou palestras: “Quem é que escreveu o prefácio da Pedagogia do Oprimido? Quase ninguém sabia, nem mesmo quem é aqui do Rio Grande do Sul. Às vezes eu dizia: “Que vexame! É preciso que Paulo Freire venha dizer a nós, gaúchos e gaúchas, sobre a importância do Ernani Maria Fiori”.

O Instituto de Cultura Popular foi fundado na época do governo de Ildo Meneghetti, que não era nada de esquerda, era do PSD - Partido Social Democrático. Mas como homem de bom senso, chamou nossa maior educadora, professora Zilah

¹⁷Eu escrevi um artigo sobre o Instituto publicado revista Educação e Realidade da Faculdade de Educação da UFRGS (12). Eu tinha dado ao artigo o título: “Três meses de um sol de verão antes que a longa noite baixasse: O Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul”. Mas o Conselho Editorial sugeriu um título mais “objetivo”. Eu aceitei, embora não tenha gostado.

Totta, para ser Secretária de Educação. Ernani Maria Fiori, um homem de muita visão, dizia para o pessoal da Educação Popular que ela não duraria como Secretária, pois o partido não perdoaria o governador Meneguetti por ter convidado uma pessoa de esquerda, ligada a Paulo Freire, para o cargo. Então, Fiori achou que deveriam pensar alguma coisa para dar continuidade. Foi assim criado o Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul, como uma instituição autônoma, registrada em cartório.

A fundação aconteceu em 14/12/1963, em sessão presidida pela Professora Ana Gavello Castilho, sendo eleito o Ernani como presidente, mas o Instituto durou apenas três meses e meio, ou seja, até o golpe de 1964.

Osmar, aqui temos um livro (Balduino nos mostra) com o título *Paulo Freire: educação e transformação social*, no qual há um artigo de mais de 30 páginas, de Germano Coelho sobre o MCP¹⁸.

Muitos esquecem que ele foi o idealizador e praticamente o principal personagem da criação do MCP. Acham que foi Paulo Freire. Paulo Freire disse para o Germano: tens todo o meu apoio, vai em frente, eu estou nessa. Mas não foi ele o criador, foi Germano Coelho. Paulo Freire dizia para o Germano: “Tu deves ao Brasil mais seis ou sete livros sobre o MCP”¹⁹.

Osmar, a minha primeira pergunta era sobre a importância de Paulo Rosas e de Germano Coelho para a Educação Popular, ambos já falecidos, grande parceiros amigos de Paulo Freire, no Recife. A segunda, é sobre como vocês, na época, viam a importância de Paulo e de Mounier para os cristãos de esquerda, antes da ditadura, mais do que de Jacques Maritain, cujo influência era maior aqui no Brasil.

Num dado momento, os cristãos de esquerda se deram conta de que Maritain estava alinhado a uma visão de cristandade, já Paulo Freire e Mounier se alinhavam na perspectiva de laicidade. Isto é, os cristãos estão presentes e atuando nas instituições leigas ou laicas, da sociedade, não refugiados em estruturas eclesiais (o jornal católico, a revista católica, a escola católica, a universidade católica).

- **Osmar**: Eu pensei, Balduino, que você fosse me ajudar a fazer o depoimento, mas você me bota uma pergunta. Mas está muito bem! A nossa geração, e nós dois que

¹⁸Movimento de Cultura Popular do Recife: Biografia de Germano Coelho (mcpdltarde.blogspot.com) <http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br/df/files/pfreiregermano.pdf>

¹⁹ROSAS, Paulo (org.). **Educação e Transformação Social**. Recife, Editora Universitária da UFPE, 2002.

fomos da Igreja nesse período, porque você seminarista, tivemos bastante influência de Maritain, particularmente através do Tristão de Athayde (Alceu de Amoroso Lima), o maior filósofo Maritainista do Brasil. Conheci Tristão de Athayde, quando já era um senhor do alto de seus 80 e tantos anos, no final de uma época para a Igreja, da não existência da cristandade.

Quando a gente começou a pensar na história, na visão de consciência histórica, chega até nós o livrinho *O Personalismo*, de Emmanuel Mounier, através de Luiz Alberto Gomes de Souza. Luiz Alberto, que era muito entusiasmado, nos disse: “Não ler Mounier é um pecado mortal”. Este livro é um livreto de bolso e nos contaminou. Começamos a viver outro modo de pensar a participação dos cristãos, não só dos católicos, mas de todos os cristãos na sociedade.

Tínhamos vários amigos protestantes, daquelas denominações tradicionais: metodistas, presbiterianos e outros. Essa nova forma de pensar era um novo modo de estar na sociedade, através da política.

- **Balduino:** Eu só acrescentaria que a influência da França veio, sobretudo, através de Germano Coelho²⁰. Ele e a esposa fizeram o doutorado em Paris, inclusive estiveram em Israel e trouxeram muita influência de todo esse movimento da França. Como tu dizes, a leitura obrigatória dos cristãos engajados era “*O Personalismo*”.

- **Osmar:** Balduino, estou concordando. A criação do MCP é inteiramente devida ao Germano, pela experiência que ele viveu lá na França. Ele foi fazer um doutorado, acabou fazendo uma porção de coisas, melhor que o doutorado, e trouxe essa ideia. Essas ideias, no entanto, não vieram somente de Germano, pois já estavam presentes aqui no Brasil. Era muito forte a influência do Mounier, um pouco teórica ainda. Volto a dizer, você não registrou o nome que eu disse: Luiz Alberto Gomes de Souza²¹ que foi uma pessoa muito importante naquele momento. Foi ele quem divulgou o Mounier entre nós. O que o Germano fez está relacionado à criação de um movimento,

²⁰Germano Coelho havia trazido da França – leio aqui, no artigo dele no livro do Paulo Rosas, (p. 33): *Révolution personaliste et communautaire, De la propriété capitaliste à la propriété humaine* (existe em espanhol), “*Manifeste au service du personalisme*” (existe em português), “*L’affrontement chrétien*”, “*Traité du caractère*” e “*Feu la chrétienté*” (temos em português). Aliás, na 2ª parte do livro “*O Personalismo*”, intitulada “A Revolução do Século XX, Mounier de certo modo retoma e resume o que propunha nos primeiros livros, numa linha de transformação política e social

²¹<https://vermelho.org.br/2021/01/01/morre-luiz-alberto-gomes-de-souza-um-dos-fundadores-da-acao-popular/>

influenciado pelo PEC - Povo e Cultura da França. Nessa criação envolveu também Paulo Freire.

Paulo Freire criou os Centros de Cultura, na perspectiva do diálogo, na perspectiva do debate. O centro de cultura reforçará o *Projeto Praça de Cultura*²² projeto do Abelardo da Hora, um intelectual comunista do partido. Segundo ele mesmo, gerente dos parques, dos jardins e dos cemitérios de Recife.

Vem dele a ideia da Praça de Cultura, mas o modo da Praça de Cultura de acolher e promover o debate vem da proposta de Paulo Rosas. Balduino, nós estamos concordando, talvez com diferenças de detalhes. Só uma correção: O Germano chegou a escrever um livrão, enorme, quatrocentas páginas, relatando essa experiência toda. É um destes livros que não foram divulgados. Um ano antes de morrer, fez esse livro, inclusive, dizendo que era uma dívida que tinha com Paulo Freire.

Realmente, Germano é importante, Mounier é importante. Na história do mundo tinha acabado a cristandade. A gente ainda viveu as coisas da cristandade por conta de atrasos da Igreja. Com o apoio de nossos amigos bispos e arcebispos “progressistas”, rompemos com isso. E pagamos caro, hein, Balduino! Com esse rompimento de termos criado uma ideia nova de Igreja dentro do Brasil daqueles tempos.

2. Balduino, podes recolocar mais alguns detalhes do teu encontro com Paulo Freire e sobre a importância de Fiori?

No segundo volume ²³ das obras de Ernani Maria Fiori há uma longa entrevista com Paulo Freire. Quando Paulo Freire ia para o Rio Grande do Sul, em geral se hospedava na casa do Fiori. Aliás, aqui um detalhe importante: A penúltima vez que Paulo Freire veio ao RS, ele esteve lá em casa. Enquanto o Fernando Becker foi buscá-lo no aeroporto, eu fiquei preparando o galetto e tive a satisfação, a honra de receber Paulo Freire, com minha esposa e meus filhos Diego e Michel. Nossa última

²² <http://forumeja.org.br/book/export/html/1710>

²³ FIORI, Ernani Maria. **Educação e Política**. Textos Escolhidos: volume 2. 2ª edição. Apresentação: Otília Beatriz Fiori Arantes e Paulo Eduardo Arantes. Posfácio de Paulo Freire. Paulo Freire participou da solenidade de lançamento, e proferiu uma linda palestra.

conversa foi assim em 1994. Eu tinha concluído em 1992 minha direção na Faculdade de Educação.

Voltando no tempo, Ernani Maria Fiori morreu em 1984, quando eu já tinha retornado para a Bélgica, para defesa de minha tese. Foi naquele ano o último encontro de Freire com o Fiori. O Fiori enfermo, de cama, foi a última vez então que Paulo Freire se hospedou na casa dele. Eles tiveram uma longa conversa, e em dado momento Paulo Freire falou que os partidos de esquerda poderiam estar desaparecendo, e que caberia aos movimentos populares, e não aos partidos, a luta pela transformação. Quando eu fui ler o Testamento de Sartre, grande filósofo francês do existencialismo, ele disse mais ou menos a mesma coisa.

Sartre não fala de movimentos sociais, mas de grupos populares, e diz que os partidos de esquerda também iriam desaparecer na França, e caberia aos grupos populares lutarem pela transformação. Vocês vêm, Sartre em Paris, dizendo a mesma coisa que Paulo Freire e Ernani Maria Fiori sobre a importância dos movimentos populares.

Cabe a nós, portanto, não sermos repetidores de Paulo Freire, pois ele nunca quis ser repetido, mas recriado, e junto com os movimentos populares. Sobre a importância dos movimentos populares, cabe destacar um tema que eu não pude acompanhar nos últimos dias, mas que ilustra o que estamos conversando. Vejam bem, em Brasília foi votada a regularização²⁴ das terras que foram conquistadas. Oficializaram o roubo das terras públicas e depois acusam o MST – Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. O MST luta pela transformação e distribuição de terras, enquanto os grandes latifundiários roubam as terras públicas, roubo que agora está sendo oficializado vergonhosamente.

A nossa luta, na linha de Paulo Freire, na linha de Mounier e, se quiserem, de Marx, é pela transformação através das lutas do povo. Paulo Freire também teve uma influência muito grande de Marx. Ele não foi marxista. Ele era cristão, mas um cristão revolucionário, comprometido com as lutas pela transformação. Resumindo o que ele várias vezes disse e também escreveu: “Quanto mais eu leio Marx, tanto mais ele me aproximava de Cristo e do povo”.

Então, nessas lutas conjuntas de marxistas e cristãos que marcaram os prelúdios do golpe de 1964, os cristãos não deixam de ser cristãos e os marxistas não

²⁴<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2021/08/camara-aprova-texto-base-do-projeto-que-facilita-regularizacao-de-terras-ocupadas.shtml>

deixam de ser marxistas, mas houve, sim, lutas conjuntas. E aqui o Osmar pode falar melhor do que eu.

- **Osmar:** Depois dessa sua fala, Dr. Balduino, não tenho muita coisa a acrescentar. Você nos deu uma boa aula!

3. Osmar, volta um pouco lá em 1964, para falar mais sobre esse encontro entre marxistas e católicos: Como acontecia o diálogo entre os marxistas e os católicos naquele período da efervescência dos movimentos populares?

- **Balduino:** Sim. Acho que você viveu melhor esse momento.

- **Osmar:** Vivi, mas honestamente, com muito preconceito. Minha formação era muito de Igreja. Havia um diálogo fácil com alguns amigos que se diziam marxistas e não comunistas. Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, como eram intelectuais, eram pessoas importantes para o Partido, mas eles se diziam marxistas e não comunistas, diferentemente da relação com os marxistas de carteirinha, que tinham um treino político muito mais forte que o grupo católico.

É importante ressaltar que o movimento em que Paulo Freire e eu integrávamos estava muito mais relacionado à Educação, e o grupo ligado ao Partido, muito mais próximo ao tema da Cultura, a qual naquele momento era considerada pelos marxistas como instrumento para fazer a revolução cultural-instrumental, momento estalinista do marxismo.

Balduino, enquanto integrante do MEB, estive no centro da ebulição dos movimentos em função de participar de comissões múltiplas de cultura popular, sendo que tanto os objetivos dos marxistas como dos católicos era o mesmo, ou seja, fazer a Revolução.

Pierre Furter, que viveu muito tempo no Brasil e tem livros publicados aqui, embora um pouco esquecidos, acompanhou Paulo Freire nas primeiras experiências do Nordeste e depois na implantação do Programa Nacional de Alfabetização de 1964. Numa entrevista, afirma que neste ano a palavra de ordem não era mais “conscientização”, mas “Revolução”. No caso, tanto os marxistas como os católicos pensavam mais ou menos as mesmas coisas, no que se refere às mudanças, porém, com modos de atuação diferentes. Esses movimentos eram fortes na busca de realizar transformações mais profundas, e em consequência disso, houve forte reação da direita.

4. Como é a figura de Paulo Freire para vocês?

- **Osmar:** Quero dizer que Paulo Freire não era aquele cara que as fotografias mostram, um velhinho de barba branca. Paulo Freire jovem era magro, alto, de óculos, com cigarro na mão o tempo todo. Era homem muito modesto, algo que quase não se fala.

Marcos Guerra, coordenador de Angicos²⁵, certa vez me disse: “Osmar, o Paulo era muito engraçado; naquele tempo era obrigado a usar paletó e gravata nas idas à Secretária da Educação. Quando Paulo ia a Angicos ficava à vontade, mas fazia como nós nos tempos de estudante: colocava a calça bem direitinho embaixo do colchão para sair passada novamente.” (Risos).

Lamentei muito saber só depois de sua morte, que Paulo Freire gostava de cachaça. Quando fazia doutorado na PUC, próximo à sua casa, poderia ter participado de sua companhia à luz de uma cachacinha. Balduino, você se lembra das cachacinhas de Paulo? Como você lembra de Paulo Freire, além do seu lado revolucionário, do seu lado humano?

-**Balduino:** Em uma das visitas, quando estive em minha casa, enquanto eu preparava o galeto, minha sogra preparou uma caipirinha para Paulo, que acabou quase se engasgando. Tiveram que bater nas costas dele. Um Paulo humano. Na hora do almoço, eu disse: “Professor Paulo, temos cerveja, vinho ou refrigerante, mas ele insistiu em continuar com a caipirinha.

No meu discurso, quando ele recebeu o título de Doutor “honoris causa”, na UFRGS, eu lembrei a experiência da pobreza e da fome vivida por Paulo menino, mais ainda, com o falecimento do pai. Relembrei que Paulo, a partir de tal experiência, se perguntou sobre o que poderia fazer para mudar o mundo de tanta injustiça. Eu disse que ele tinha direito de nadar no riacho, de jogar futebol com os amigos, de pensar em outras coisas. E acrescentei: “Em lugar disto, tu te fizeste uma pergunta do tamanho do mundo: O que poderei fazer para mudar isto?” Para mim, esta pergunta

²⁵ Prof. Marcos José de Castro Guerra- Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Direito Internacional. Prof. de Direito dos Estrangeiros. Diretor do Setor de Educação de Jovens e Adultos (1962-1964) e Coordenador de um Círculo de Cultura, na cadeia pública de Angicos. Membro da Comissão Brasileira de Justiça e Paz Secretário da Educação do Rio Grande do Norte (1991-1994), Diretor. Regional do SENAI (1995-2003), e Consultor das Nações Unidas (1980-1990).

de Paulo Freire diante de situações-limite contém, em embrião, a origem da *Pedagogia do Oprimido*, e esse questionamento o acompanhou para a vida toda.

Paulo Freire é muito humano. Por isso quero citar aqui uma pergunta que repeti três vezes a ele, em meu poema “Paulo Freire Poeta”, diante de três situações das mais tristes de sua vida: “Paulo, como é possível fazer poesia num momento de dor e tristeza que se assemelha quase à morte?” Os três momentos: o do Paulo menino, que ouve o pai, no quarto, moribundo, chorando junto à mãe, por não poder mais trazer para casa alimento para seus filhos pequenos ainda. Quando acompanhava a mãe ao açougue e ela pedia, humildemente, 300 gramas de carne, e que pagaria semana seguinte, junto com a que já devia, e ele ouvia as palavras mais cruéis de ofensa à mãe, por parte do açougueiro. E o Paulo exilando, no Chile, que acompanhava os dois filhos pequenos para a escola, e ouviu o menorzinho dizer: “Pai estou com frio”. E ele não tendo dinheiro no bolso, tanto menos no banco, para comprar uma roupa quente para seus filhos irem à escola.

Não podemos esquecer do humano em Paulo Freire, do gosto pela cachacinha, pelo cigarro, do enfrentamento da fome. Na conversa com uma criança, com deputado, com prefeito, com universitário, ele dedicava sempre a mesma atenção e amabilidade a todos. Lembrar Paulo Freire como revolucionário é, sim, o Paulo que pregava uma revolução do amor.

Ainda nesse aspecto de lembrar o Paulo como humano é lembrar das suas dores, das ausências do exílio, como da morte da mãe. Mas lembra que o exílio teve muitas aprendizagens, como nos conta em sua famosa entrevista publicada no Pasquim, em 1978.

Do Recife, se tornou um cidadão do Brasil, da América Latina e depois um cidadão do mundo. Aprendeu a amar a todos igualmente, esse sentimento que ele declara, naquela entrevista, com a frase: “Eu sou capaz de querer bem enormemente a qualquer povo”. Nós poderíamos nos perguntar, além de Paulo Freire, Mandela, Gandhi e Teresa de Calcutá, quantos políticos no mundo poderiam dizer “Eu quero bem a qualquer povo?” Os poderosos são poderosos da ganância, do dinheiro, do capitalismo, da guerra para massacrar os outros.

Quero finalizar esta conversa com vocês, com meu amigo Osmar, dizendo-lhes que temos que seguir lutando, porque a globalização não foi da comida nem da democracia, mas dos ricos sempre mais ricos. Pensando objetivamente, 80% da humanidade não tem acesso às condições dignas de vida. Temos, sim, que repetir o

grito de luta por uma transformação, para que haja lugar para todos à mesa de pão e à mesa da cultura. Osmar, gostarias de fazer tuas considerações?

- **Osmar:** Olha, Balduino, me emocionou a sua fala. Dizer para essa geração que está nos ouvindo que é preciso ir à rua, defender o que acreditam e contra outras coisas em que não acreditam. Sabe-se que cada vez se tem menos possibilidade de fazer algo. Mas temos a obrigação de fazer a Revolução, não nos termos de 1964, mas em outros termos, nos termos de hoje. Trazer como inspiração pessoas como Paulo Freire é mais difícil porque, por mais contradições que tivéssemos naquele período, tínhamos o acesso ao poder. Também tivemos acesso ao poder no tempo do Lula, com propostas importantes, como o MOVA, uma EJA diferente, onde tínhamos espaço para trabalhar.

Sinto-me um pouco abatido. Fico observando meus netos e me pergunto: o que eles podem fazer pelo Brasil de hoje? É impressionante a vontade que eles têm de ir embora do país para fazer cursos e outras coisas. Isso é dolorido! Penso que o *Café com Paulo Freire* precisa continuar resistindo, que pessoas das nossas gerações, e também de vocês, podem passar um pouco do que experimentaram na luta. Aquele período (1958-1964) não foi fácil. Hoje ainda temos menos horizontes - de trabalho, de tudo. A esquerda está longe do poder, e a *guarnição* (blindagem) que é feita em relação ao governo atual nos impõe ir às ruas para enfrentarmos este governo louco!

CONSCIENTIZAÇÃO - Aproximações conceituais segundo Ernani Fiori

ITEM	PÁGINA	IDEIA-CHAVE	CONSCIENTIZAÇÃO SIGNIFICA:
1	83	Existência e Consciência.	Retomar reflexivo da consciência como existência.
2	83-84	Processo interno às contradições estruturais.	Fator de transformação Sociocultural.
3	85-86	Consciência/Mundo.	A consciência se reconquista ao conquistar o mundo.
4	86-87	Reciprocidade não especular	A ação transformadora que se faz reconstruindo o mundo.
5	87-88	Objetividade/Subjetividade(encarnação)	Conscientização é encarnação histórica, práxis transformadora.
6	88-89	Intersubjetividade (não ipseidade isolada): Encarnação é comunhão.	Tarefa mundana e compromisso pessoal de amor.
7	89-91	Temporalização/ Historização.	Conscientização é práxis libertadora de desalienação (a partir da consciência crítica).
8	91-92	Perspectiva axiológica, busca de novos valores; revalorização da existência.	Humanização; nova cultura; construção do homem novo.
9	93-94	Condicionamentos da natureza e das estruturas de dominação.	O homem se assume como sujeito da história e da cultura. .
10	94	Conscientização não é uma ciência da consciência.	É opção pelo homem e luta por sua desalienação.
11	99	Cultura, Comunicação, Aprendizado (não transmissão).	"Cultura autêntica é aprendizado, e aprendizado é conscientização".
12	102	Conscientização não é exigência prévia para a luta de libertação.	É própria luta de libertação.
13	103-104	Cultura popular é cultura do povo, não para o povo; Organizações de base.	Cultura popular é o método de conscientização do povo e de luta contra a dominação; conscientização é politização.
14	104	Processo de libertação dos povos latino.	Sentido original da conscientização: "revolução cultural".

Fonte: FIORI, 2014, vol. II, p. 83-104. - Quadro conceitual de Balduino A. Andreola